

Relação Homem-Universo

Claudio C. Conti

<http://ccconti.vilabol.com.br> - Rio de Janeiro

Dando prosseguimento a série de estudos que iniciou com o texto A Consciência¹ e seguido por *Mente Una*² e *A Natureza da Realidade*³, este texto apresenta uma análise de uma possível visão da relação mantida entre espírito e o que é considerado como realidade, além de apresentar um modelo para a estrutura psíquica e as várias encarnações do espírito.

Com os avanços da ciência realizados durante o século XX surge um novo paradigma para os fenômenos físicos que são observados seja na experimentação em laboratório, seja no cotidiano de cada um. O que até então eram considerados como absolutos e independentes de tudo e de todos, passam a ser relativos e, posteriormente, por estarem intimamente ligados com aqueles que, de uma forma ou de outra, exercem algum tipo de interação.

Contudo, o que realmente significa “interação” ainda é um ponto para muitos questionamentos, muitos consideram que o simples fato de olhar já pode ser considerado como um processo em que exista uma ação sobre o que é “olhado”, modificando sua condição original, ou melhor, antes da observação em si. Desta forma, deve-se considerar para se ter conhecimento de alguma coisa ou fenômeno há necessidade de primeiramente observá-lo e que por este motivo não será possível o conhecimento do estado desse algo, pois sempre haverá uma alteração do seu estado quando a observação terminar⁴.

Nessa perturbação, no sentido de alterar a situação ou condição pré-existente, que vai ser causada, quando há a interação, esta perturbação causada não é irrelevante, embora uma segunda vez que se observa o objeto pode até parecer que está inalterado. Essa interação não é irrelevante e nem perscrutável, porque não necessariamente vai-se conseguir perceber de uma forma consciente a consequência da interação indivíduo-objeto, porque pode ser muito sutil ou pode ocorrer em níveis não perceptíveis aos sentidos do encarnado.

Quando cessa uma interação o objeto sofreu consequências desta interação, portanto não será possível uma descrição completa de um objeto. Erwin Schrödinger diz que da mesma forma que a idéia formada do mundo depende dos sentidos sensoriais, o próprio mundo sofre alterações decorrentes da observação realizada pelos próprios sentidos⁴.

Portanto, quando nos referimos ao mundo ao nosso redor, não podemos considerá-lo como um ambiente isolado, independente de nós. Nós com o mundo formamos um contínuo dinâmico – espírito e matéria não são independentes, mas um interfere no outro de uma forma muito profunda, bem mais profunda do que podemos perceber. Nossa percepção ocorre em escala macroscópica. Porém estas mudanças elas ocorrem em escala microscópica e uma é tão importante quanto à outra.

O espírito interage mais ostensivamente com o mundo ao seu redor através dos sentidos físicos, pela reação a estímulos que lhe chegam nas mais variadas maneiras, tais como luz e som. Contudo, estes estímulos não possuem intrinsecamente as propriedades que lhe são atribuídas pelos sentidos que os interpretam. Por isto que Carl G. Jung diz que o mundo fora de nós é interpretado pela mente através da avaliação das respostas aos estímulos, este processo é denominado de *apercepção*⁵. Em outras palavras, os sentidos apenas reagem aos estímulos recebidos, mas não os interpretam, isto fica a cargo da mente. A matéria do corpo físico reage aos impulsos recebidos também da matéria, cabe ao espírito interpretar o seu significado através de processos mentais. Estes processos que nos cabe vislumbrar para conseguirmos compreender a relação homem-universo.

Sob este prisma, percebe-se que o processo de reconhecimento do mundo ocorre em duas etapas: 1) Percepção – aquisição de informação através dos sentidos; 2) *Apercepção* – interpretação

e entendimento da informação oriunda da percepção. Em linhas gerais, a percepção é um processo mais fisiológico, enquanto que a apercepção é mais psíquico.⁶

A apercepção é, por sua vez, composta por vários processos menores que foram descritos por Jung: reconhecimento; avaliação; intuitivo; volitivo e instintivo.⁶

O processo de reconhecimento é realizado através de uma comparação com o material presente na memória do indivíduo. Tomando o fogo como exemplo, tem-se que o estímulo da luz emitida transmite a idéia da existência de fogo, porém serão as imagens gravadas na memória que produzirão o seu reconhecimento.

O processo de avaliação é que desencadeará um sentimento relacionado com o que foi reconhecido, podendo ser de natureza agradável ou não. Quando o fogo do exemplo anterior é reconhecido como uma fogueira dos festejos juninos, por exemplo, poderá desencadear uma sensação agradável, enquanto uma casa em chamas desencadeará uma sensação de angústia e medo.

É através do processo intuitivo que o indivíduo terá noção das possibilidades em potencial de uma situação qualquer. Ainda segundo Jung, poderá produzir no indivíduo, dependendo do seu temperamento, uma sensação, um pensamento ou um sentimento, mesmo não sendo nenhum deles.

Decorrem dos processos volitivos e instintivos as providências que serão tomadas diante da situação que se apresenta, sendo que os volitivos são decorrentes do livre-arbítrio, portanto, atos conscientes e premeditados, enquanto que os instintivos são decorrentes da compulsão, portanto, impensados. Ainda utilizando o exemplo do fogo, uma pessoa treinada poderá ir deliberadamente em direção ao incêndio para combatê-lo, enquanto outros poderão correr na direção contrária instintivamente buscando proteção. Portanto, pode-se dizer que o processo volitivo e instintivo dependerá do domínio pessoal da situação em que se encontra, isto é, o conhecimento e controle sobre o que esteja sendo vivenciado farão com que o indivíduo aja conscientemente.

Estes processos são decorrentes de atividades mentais e emitem ondas de pensamento características.

No livro *Nos Domínios da Mediunidade*, André Luiz, espírito, analisa o pensamento e compara com ondas eletromagnéticas⁷ e faz uma analogia entre a matéria física e a matéria mental⁸. A Figura 1 expressa esta analogia.

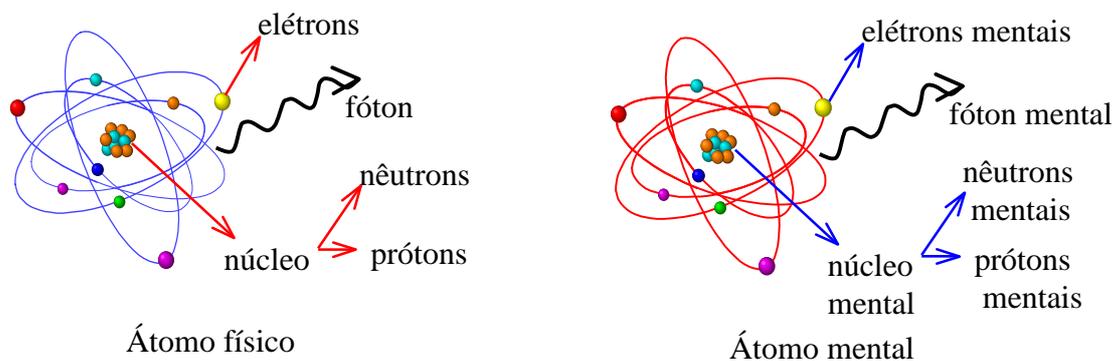


Figura 1. Analogia entre o átomo físico e o átomo mental

Baseando-se nas emissões de radiação eletromagnética (fótons) das várias regiões do átomo, André Luiz diz que a mente humana se expressa através da excitação destas regiões dos átomos mentais da seguinte forma:

- a) Emissão de ondas longas através da excitação do átomo mental como um todo é responsável pela sustentação da individualidade;

- b) Emissão de ondas médias através da excitação dos elétrons mentais devido a estados de reflexão e oração na produção de luz interior;
- c) Emissão de ondas curtas através da excitação dos núcleos mentais devido à situação extraordinária da mente com imenso poder transformador do campo espiritual.

Comparando este apontamento de André Luiz com o comportamento do átomo físico, tem-se que a onda emitida da excitação do átomo todo é a radiação térmica, responsável pela transferência de calor; a excitação ao nível da eletrosfera é responsável pela emissão de raios-X e; da excitação do núcleo atômico decorre a emissão de raios gama.

Energeticamente falando, a radiação térmica é menos energética que o raio-X que, por sua vez, é menos energético que os raios gama. Esta diferença em energia corresponderá às possibilidades de ação sobre a matéria. Dentre os vários tipos de interação da radiação com a matéria tem-se o efeito fotoelétrico, que corresponde a capacidade de um fóton deslocar um elétron da órbita do átomo com o qual a onda interagir e é apresentado esquematicamente na Figura 2.

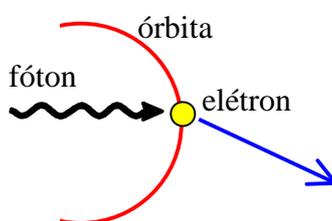


Figura 2. Representação do efeito fotoelétrico

Inicialmente acreditava-se que a capacidade da luz (luz é radiação eletromagnética) deslocar elétrons dependeria da sua intensidade, portanto, uma luz intensa incidindo sobre uma chapa de metal deslocaria uma grande quantidade de elétrons. Porém, isto não acontecia.

Percebeu-se que mesmo uma luz vermelha muito intensa não era capaz de deslocar um único elétron, enquanto que uma luz azul muito suave era capaz de deslocar elétrons da superfície do metal.

A explicação para este comportamento pode ser encontrada através da análise da energia inerente a cada onda. No espectro da luz visível, o arco íris, tem-se que a luz vermelha possui energia menor que a luz azul, isto é, a luz azul é mais energética, portanto, possui um potencial de ação maior que a vermelha. Em outras palavras, para se atingir um determinado objetivo ou realizar um fenômeno desejado será necessário uma capacidade mínima de trabalho. O espectro da luz está representado na Figura 3.



Figura 3. Espectro da luz visível.

Observa-se, portanto, que duas coisas são necessárias para se atingir um objetivo, tanto em finalidade quanto em intensidade: qualidade e quantidade de energia.

Aplicando este conceito para a compreensão das ondas mentais, tem-se que as ondas longas são menos energéticas que as médias que, por sua vez, são menos energéticas que as curtas. Portanto, percebe-se que a possibilidade de ação do pensamento está diretamente relacionada com a energia que carrega. A capacidade de atingir um objetivo estará relacionado com a capacidade de manter um determinado padrão mental que, por sua vez, está atrelado a vontade do indivíduo em atingir o objetivo.

Desta forma tem-se que a vontade está relacionada com quantidade de energia e que o padrão de pensamento está relacionado com qualidade desta energia. Portanto, a transformação íntima e os fenômenos dependem tanto da vontade quanto do padrão de pensamento.

Considerando o exposto, compreende-se a limitação daqueles espíritos que ainda se comprazem com o mal, pois eles têm a vontade de o fazer, porém, como emitem pensamento de baixo teor energético, a capacidade de trabalho é limitada, enquanto que, para um espírito elevado, com a mesma quantidade de energia disponibilizada, a capacidade de trabalho é elevada.

Percebe-se, então, que ter apenas a vontade de se transformar ou corrigir uma tendência qualquer não basta, será necessário um trabalho de adequação mental para que o objetivo seja atingido.

Nesta abordagem energética dos processos mentais, deve-se considerar que na própria estrutura da psique também haja uma série de eventos com diferentes graus de energia que corresponderá ao seu teor ou qualidade.

Desta forma, Jung postula o conceito da existência do que definiu de “sujeito secundário” que seria o responsável por tratar de questões de ordem superior e que não podem ser tratados pela consciência⁹.

Jung Postula, então, dois limiares de energia, um inferior e outro superior, limitando, assim, a consciência. Desta forma, tem-se processos conscientes e processos inconscientes, portanto, no inconsciente deverão existir núcleos para tomadas de decisão. Esta compartimentação psíquica é decorrente do estado evolutivo em que a humanidade terrena se encontra, pois ainda não atingiu maturidade suficiente capaz de trabalhar com toda a gama de informação presente no psiquismo e adquirida ao longo das várias encarnações e períodos na erraticidade. A representação esquemática dos níveis de energia da psique são apresentados na Figura 4.

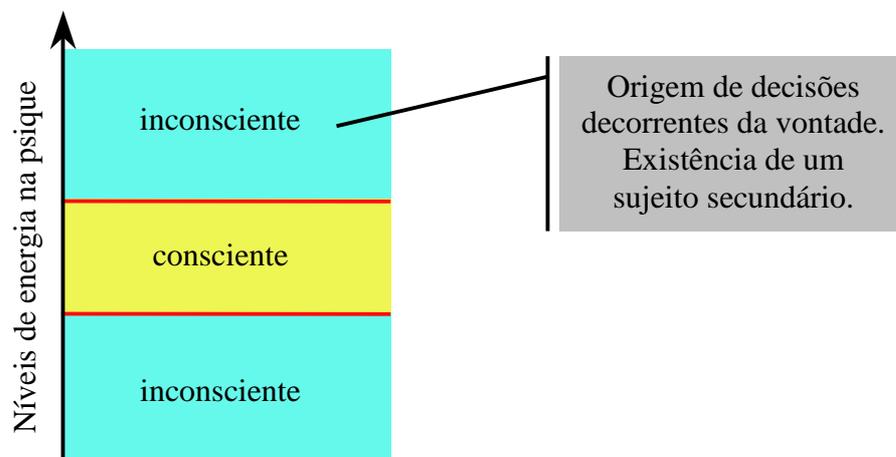


Figura 4. Representação dos níveis de energia da psique.

Contudo, apesar da inviabilidade de uma compreensão direta e completa, os conteúdos e processos inconscientes podem e interferem de alguma forma no consciente. Em outras palavras, apesar destes conteúdos mais energéticos possuírem energia suficiente para serem conscientizados, isto não ocorre porque não haveria condições do seu entendimento, porém, Jung diz que “o sujeito secundário atua sobre a consciência do eu, mas de maneira indireta, isto é, através de símbolos, embora esta expressão não me pareça muito feliz.”¹⁰

Jung diz ainda que há a possibilidade de existir, na região do inconsciente, conteúdos que possuam alto nível de energia que ainda não foram conscientizados e, por isso, não foram percebidos em sua completude. Salienta, ainda, como exemplo, os deuses e demônios dos povos primitivos.¹⁰

Diante do exposto neste e nos textos mencionados no primeiro parágrafo^{1,2,3}, torna-se possível a elaboração de um modelo de funcionamento da psique em que englobaria o processo reencarnatório e os conteúdos psíquicos de variados níveis energéticos, além de apresentar respostas para alguns paradoxos de difícil entendimento, tais como a questão do tempo.

Assim, combinando a figura apresentada no texto A Consciência¹ para a estrutura da psique, apresentada na Figura 5, com a Figura 4 deste texto, tem-se a relação da energia do conteúdo da psique com a encarnação em função do tempo, apresentada esquematicamente na Figura 6.

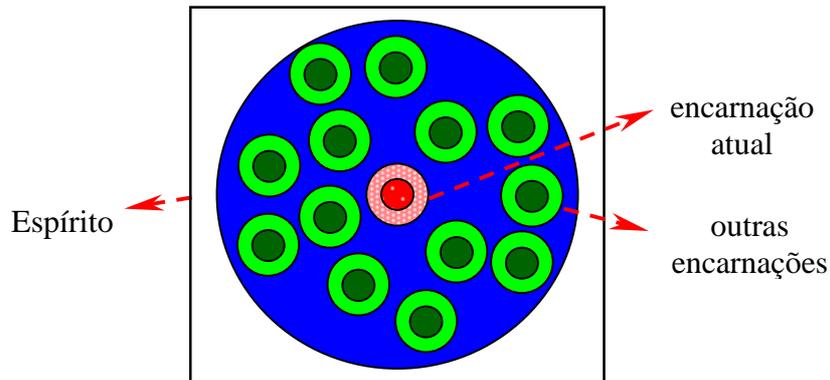


Figura 5. Proposta sobre a estrutura da psique.

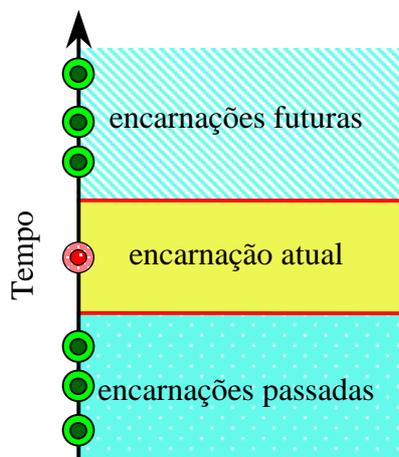


Figura 6. Relação da energia do conteúdo da psique com a encarnação em função do tempo.

Neste modelo, os núcleos consciente-inconsciente pessoal relativos às encarnações denominadas de “futuras” teriam um nível energético superior à encarnação denominada de “atual” que, por sua vez, possui um nível energético superior as encarnações denominadas de “passadas”. Vale lembrar que as diferentes encarnações não tem nada a ver com passado, presente e futuro, por ocorrerem simultaneamente¹. A percepção do tempo estaria relacionada com o núcleo ativado.

Bibliografia

- [1] Claudio C. Conti; A Consciência (versão completa), <http://ccconti.vilabol.com.br>
- [2] ___; *Mente Una*, em breve na RIE
- [3] ___; *A Natureza da Realidade*, <http://ccconti.vilabol.com.br>
- [4] Erwin Schrödinger; “O Que é a Vida – Mente e Matéria”; 1ª edição, Editora Unesp, 1997, pg. 138-140.
- [5] C. G. Jung; “A Natureza da Psique”, Editora Vozes, 5ª edição, 2000, pg 78.
- [6] Idem, pg. 75.
- [7] Claudio C. Conti; *Ensaio Sobre o Pensamento*, <http://ccconti.vilabol.com.br>
- [8] André Luiz; “Evolução em Dois Mundos” (Psicografia de F. C. Xavier.); 15ª edição, FEB, 1997, cap. IV.
- [9] C. G. Jung; “A Natureza da Psique”, Editora Vozes, 5ª edição, 2000, pg 112.
- [10] Idem, pg 114.